

São Miguel de Silvaes em 1758: memória paroquial, toponímia e património. Parte II



Com o presente texto dá-se continuidade ao Suplemento de Arqueologia e Património do mês anterior, completando-se a análise da Memória Paroquial de Silvaes. Por se tratar de um extenso relato abordou-se na primeira parte o enquadramento da paróquia e revelou-se a transcrição do teor concernente à memória. Cabe agora ilustrar alguns aspetos históricos e arquitetónicos da igreja paroquial, das capelas públicas e privadas mencionadas pelo pároco memorialista, finalizando-se o exame ao conteúdo setecentista da memória de Silvaes com anotações etimológicas à toponímia, isto é, aos nomes das aldeias e lugares aí arrolados.

Texto e Fotografia

Cristiano Cardoso
Técnico Superior de História
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

Luís Sousa
Arqueólogo
luís.sousa@cm-lousada.pt

1. A IGREJA DE SILVARES

Apesar das medievais referências documentais, nenhum vestígio daquele período sobrevive na igreja de São Miguel de Silvares. Profundas obras operadas ao longo dos séculos XVII e XVIII definiram-lhe o presente desenho arquitetónico. Espacialmente compõe-se de modo geral de nave e capela-mor, com a fachada voltada a poente e a cabeceira da capela-mor no sentido oposto. A sacristia desenvolve-se sensivelmente a sul, achando-se adossada à totalidade do paramento da capela-mor e ocupando cerca de um terço da nave. À esquerda, em linha com a fachada, figura a torre sineira, que se desenvolve em altura em três registos, sendo de salientar os remates junto da cobertura compostos por gárgulas figurativas e as janelas sineiras em arco de volta inteira. Os volumes correspondentes à nave e à capela-mor apresentam coberturas em duas águas, enquanto na sacristia a opção observada é de quatro águas. O conjunto do edifício possui cunhais apilastrados em granito aparente e paredes lisas rebocadas de branco. Os vãos das portas e janelas são de vergas retas, igualmente em granito.

No interior preservam-se cinco altares. Embora assinalados na memória setecentista, alguns foram substituídos no século XIX. No altar-mor figuram as imagens de São Miguel e de São Gonçalo. Junto ao arco-cruzeiro, em ângulo, no altar colateral direito (Epístola) encontra-se Nossa Senhora de Fátima e no esquerdo (Evangelho) o de Sagrado Coração de Jesus. No corpo da nave, embutidos na espessura da parede, o altar do lado direito revela uma escultura de Cristo Crucificado, enquanto o oposto recebe o altar das almas, dedicado a São Miguel.



Figura 1 Igreja de São Miguel de Silvares

2. TOPONÍMIA E PATRIMÓNIO

2.1 Toponímia

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Além do Rio	Topónimo de cariz geográfico que expressa o posicionamento geográfico do lugar relativamente a um rio, tratando-se no caso do ribeiro do Fontão, localizando-se Além do Rio na sua margem direita.
Carvalho	Fitotopónimo frequentemente identificado no território de Lousada. O carvalho é uma árvore autóctone dos territórios do Vale do Sousa, achando-se frequentemente representados o carvalho roble ou alvarinho, o português ou cerquinho e o carvalho negral. O fruto dos carvalhos – lande ou bolota, era muito apreciado no passado enquanto alimento de engorda de animais, especialmente de porcos.
Covas	Vocábulo muito frequente em Portugal e na Galiza ¹ . Trata-se do plural de «Cova», tendo aqui cariz topográfico, expressando uma zona de certa forma funda relativamente à envolvente.

¹ Machado, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed., vol. I. Lisboa: Livros Horizonte/Confluência, 1993, p. 465.

Denominação (antiga-1758/atual)	Nota etimológica/Referências bibliográficas/Observações
Espindam/Espredim	Topónimo de origem obscura.
Fonte	Do latim <i>Fonte</i> ; <i>Fons</i> ² . Vulgar no singular e no plural, nas formas simples e compostas. Indica local onde existe ou existiu recolha de água, usualmente potável.
Igreja	Topónimo relacionado, por proximidade, com o sítio onde se acha erigida a igreja.
Lagares	Vocábulo muito frequente no Noroeste Peninsular, derivado do singular «Lagar», indicativo de que existem ou existiram unidades de transformação, podendo ser concernentes a lagares de vinho ou de azeite, considerando-se aqui a possibilidade de reportar-se a estruturas vinárias.
Mós	De grande representatividade territorial em Portugal e Espanha, deriva do latim – <i>molas</i> ³ , expressão frequentemente encontrada em documentação medieval. Plural de – mó, revela no lugar presumivelmente a existência de moinhos hidráulicos ou mós manuais de redução de grão em farinha.
Outeiro	Do singular masculino outeiro. Topónimo de origem topográfica. O mesmo que cume, sítio elevado que se destaca da topografia envolvente. Citamos, como exemplo, a referência a « <i>Octerio</i> » em 1072 (<i>PMH, DC</i> , p. 312) ⁴ .
Passo/Paço	Topónimo muito frequente no Norte de Portugal e Galiza. Do latim <i>palatium</i> - «palácio» ⁵ . Na Idade Média expressava a residência senhorial do proprietário de uma quinta ou vila. Neste período surge frequentemente documentado sob a forma de <i>Palacio</i> , <i>Palatio</i> , <i>Palatjo</i> , etc.
Pereira	Almeida Fernandes ⁶ , pela abundância do topónimo em Portugal, considera que se deve justificar a sua raiz etimológica na presença de um local rochoso, e não na existência de árvores, cujo o fruto é a pera. A formação desta palavra deve, portanto, procurar-se em « <i>pera</i> » + eira. Ainda assim, o autor não põe de parte que tal palavra possa relacionar-se com a presença de tal árvore de fruto ou mesmo tendo origem no apelido pessoal.
Picoto	Não raras vezes surge este topónimo erroneamente grafado como – <i>Picouto</i> ⁷ . A sua presença é verificada quer no Norte de Portugal, quer na Galiza. Exprime a ideia de cume de monte apontado ou de certo relevo destacado no terreno circundante.
Pinheiro	Fitotopónimo que fixa um lugar associado há existência da árvore indicada.
Reguengo de Baixo	Vocábulo muito frequente na região Norte de Portugal e Galiza. Do adjetivo reguengo, do que é real, do próprio rei. As duas formações compósitas observadas em Silvares, Reguengo de Baixo e de Cima, terão que ver com a questão de diferenciar e quadrar espacial e geograficamente ambos os reguengos.
Reguengo de Sima/ Reguengo de Cima	Ver o anotado para Reguengo de Baixo.
Sabugueiro	Estamos em face de um fitotopónimo frequente em Portugal e Galiza, expressando a presença desta espécie arbustiva na região.
Santo Adriam/ Santo Adrião	Hagiotopónimo associado ao local onde existiu na Idade Média uma igreja, hoje reduzida a simples capela.
Segunheira/ Sovinheira	Quer o vocábulo indicado na Memória Paroquial, quer o presentemente utilizado na cartografia, nos parece com origem em Cegonha, termo documentado em Silvares pelo menos desde o século XVI. Assim, considera-se ser indicativo da efetiva presença da cegonha na freguesia, colocando Silvares na sua rota de migração.
Turram/Torrão	Torrão, derivado de terra. Torrão ou Terrão era o topónimo pelo qual era conhecido o lugar que deu origem ao que é hoje a Vila de Lousada.
Villa Meam/Vila Meã	Por vila entende-se aqui uma zona onde é evidente a presença de um certo número de casas mais/menos próximas e que se dispõem em redor de uma parcela agrária de boa dimensão, ou unidade agrícola de superior grandeza que o casal. Não raras vezes é indicativo de aglomerado populacional antigo, com raiz baixo-medieval ou mesmo anterior. Vila Meã surge aqui como a unidade rural que está ao meio, entre algum tipo de edificado rural.

² MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. II, p. 656.

³ MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. II, pp. 1025-1026.

⁴ MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1109.

⁵ MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1113.

⁶ A. de Almeida Fernandes – *Toponímia Portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1999, p. 472.

⁷ MACHADO, José Pedro - *op. cit.*, vol. III, p. 1173.

4.2 Património

4.2.1 Capela do Calvário

Como vimos, esta capela aparece mencionada na Memória Paroquial de Silvares, devendo-se sugerir a sua edificação para a primeira metade do século XVIII. No púlpito à esquerda da porta da fachada encontra-se gravada a data «1869» e imediatamente inferior a esta os caracteres alfabéticos «V.J.N.». Esta inscrição deverá interpretar-se como sendo relativa ao ano em que o púlpito foi construído e os símbolos alfabéticos serem correspondentes ao nome abreviado do mandante.

O edifício está localizado num promontório a nascente da igreja matriz de Silvares. De arquitetura simples, desenvolve-se em planta retangular, erguido em alvenaria de granito aparente com junta tomada de cimento e cobertura de quatro águas. O alpendre revela tratar-se de uma construção recente. A denominação local evidencia o seu propósito devocional associado a uma via-sacra, sugerido ao mesmo tempo pela implantação isolada no alto de um monte.

Segundo o pároco memorialista, a capela terá sido reedificada cerca de 1755/56, e nela então se descobriam as imagens do Senhor Crucificado, de São João Evangelista, Maria Madalena e a de Nossa Senhora.



Figura 3
Capela
de Santo
António



Figura 2 Capela do Calvário

4.2.2 Capela de Santo António

No final daquele que é considerado como o mais antigo arreamento da Vila de Lousada encontra-se a capela de Santo António. Foi mandada edificar a expensas próprias por Manuel Nunes Bandeira. Data de 1725, tendo sido no ano anterior solicitada licença para construção à Diocese de Braga. Aí manifesta Nunes Bandeira devoção a Santo António. Sob esta invocatória será consagrada a capela para a qual é pedida a respetiva provisão para bênção a 8 de janeiro de 1726.

O pároco relator da memória de Silvares, Francisco Machado Botelho, dá conta em 7 de Maio de 1758 do interessante recheio desta capela, arrolando aí as imagens de "*Nossa Senhora e o Menino Jezus, e Santa Anna, e a imagem de Santa Luzia*". Adossada ao alçado lateral esquerda da Casa de Santo António, encontra-se voltada a sudeste, para a rua a que dá nome. De planta retangular e telhado de duas águas, é na fachada que se observam os elementos arquitetónicos caracterizadores da sua antiguidade, especialmente patente nas colunas cantonais molduradas encimadas por remates em forma de gota com pedestal e frontão triangular. A porta na fachada e a janela que a sobrepuja são de vergas retas, lisas, sem qualquer elemento escultórico ou decorativo.

4.2.3 Capela de Santo Adrião

Localizado na quinta de Santo Adrião, este templo constitui um interessante caso de estudo da persistência da memória sobre um espaço sagrado. Reduzida a simples capela, aqui existiu durante a Baixa Idade Média uma igreja sob a mesma invocação. Um documento coligido nos «*Diplomate et Chartae*», datado de 1059, é indelével testemunho desta interpretação, aí encontrando-se a referência a uma «*ecclesia sancto Adriano*».

Na ombreira da porta rasgada na frontaria encontra-se gravada uma data truncada cujos caracteres numéricos ofereceriam a leitura «1643», assinalando uma importante reparação. Mais tarde será novamente sujeita a obras, sendo a mesma padieira reaproveitada na porta principal, todavia, a data que aí se encontra sulcada no silhar granítico revela tratar-se de um erro do lapicida que entende ver a data «1693».

Tem o seu eixo longitudinal orientado no sentido poente-nascente. A fachada encontra-se atualmente voltada a nascente mas é crível que estivesse, outrora, no lado oposto, seguindo os preceitos canónicos. Numa das últimas intervenções foi acrescentado à capela um volume mais estreito e baixo, insinuando assim a existência de um templo provido de nave e capela-mor.

De planta retangular, a capela compõe-se de telhado de duas águas, coberto com telha marselhesa. Os vãos são planos e as paredes em granito aparente, de fiadas simples, com junta tomada de cimento. Na empena acima da porta fronteira observa-se um campanário de ventana única onde repousa um sino de reduzidas dimensões, e na face posterior uma pequena cruz grega remata a empena.



Figura 4 Capela de Santo Adrião